

## Os Pingos do Is: A Construção Retórica do Jornalismo de Fachada

---

### Os Pingos nos Is: The Rhetorical Construction of Frontstage Journalism

### Os Pingos nos Is: La construcción retórica del Periodismo de Fachada

Karina Ernsen<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná

Curitiba

[karinaealves@gmail.com](mailto:karinaealves@gmail.com)

Kelly Prudencio<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná

Curitiba

[kelly.prudencio5@gmail.com](mailto:kelly.prudencio5@gmail.com)

**Abstract:** The rhetorical construction of journalism is inherently tied to socioeconomic and cultural context. This study examines the intersection of journalism and democracy during the COVID-19 pandemic in Brazil, focusing on the rhetorical strategies employed by 'Os Pingos nos Is' show on Jovem Pan Media Group. Specifically, it analyzes how the program utilized enthymeme-based arguments, prioritizing verisimilitude over veracity. A content analysis of opinions related to COVID-19 from November 2020 to March 2021 revealed argumentative structures aligning the program with audiences sympathetic to Jair Bolsonaro's government (2018-2022). The program validated government positions over to health authorities, employing "Frontstage Journalism" characterized by simplistic, biased reporting.

#### **Keywords:**

Frontstage Journalism, Os Pingos nos Is, Disinformation, Rhetoric, Health, Bolsonarism

**Resumo:** A construção retórica do jornalismo não ocorre sem referência ao contexto socioeconômico e cultural. Nessa pesquisa busca-se discutir como o ambiente político nos anos de pandemia no Brasil interferiram na relação entre jornalismo e democracia,

---

<sup>1</sup> Mestra e doutoranda em Comunicação Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPAA) e Comunicação Política e Democracia Digital (COMPADD).

<sup>2</sup> Superintendente de Comunicação da UFPR, Professora de Pós-Graduação em Comunicação, Pesquisadora Coordenadora do grupo de pesquisa COMPAA, Comunicação e participação política (CNPq), integrante do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital.

especificamente na maneira pela qual o programa Pingos nos Is, da Jovem Pan, recorreu a uma retórica baseada no recurso do *entimema*, argumentos sustentados na verossimilhança em detrimento da veracidade. Realizou-se uma análise de conteúdo, com base na retórica, nas opiniões relativas ao tema “Covid-19”, no período de novembro de 2020 a março de 2021. Foram identificadas estruturas argumentativas que vinculam o programa a um público já alinhado ao governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), ficando o programa na função de validar as posições do governo em contraposição às autoridades sanitárias. O jornalismo opinativo do programa não se baseou na complexidade dos fatos e adotou uma retórica caracterizada neste estudo como “Jornalismo de Fachada”.

**Palavras-Chave:**

Jornalismo de fachada, Os Pingos nos Is, Desinformação, Retórica, Saúde, Bolsonarismo

**Resumen:** La construcción retórica del periodismo no se produce sin referencia al contexto socioeconómico y cultural. Este estudio examina la intersección entre periodismo y democracia durante la pandemia de COVID-19 en Brasil, centrándose en las estrategias retóricas empleadas por el programa 'Os Pingos nos Is' de Jovem Pan. Específicamente, analiza cómo el programa utilizó argumentos basados en entimemas, priorizando la verosimilitud sobre la veracidad. Un análisis de contenido de opiniones relacionadas con el COVID-19 entre noviembre de 2020 y marzo de 2021 reveló estructuras argumentativas que alinean el programa con audiencias simpatizantes del gobierno de Jair Bolsonaro (2018-2022). El programa validó posiciones gubernamentales contrarias a las autoridades sanitarias, empleando un 'Periodismo de Fachada' caracterizado por informes sesgados y simplistas.

**Palabras clave:**

Periodismo de fachada, Os Pingos nos Is, Desinformación, Retórica, Salud, Bolsonarismo

## 1. Introdução

Entre 2019 e 2023 a doença respiratória chamada “Síndrome Respiratória Aguda Grave” (SARS)<sup>3</sup> causou óbitos em escala exponencial no mundo. Um cenário apocalíptico, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou um *lockdown* mundial em meio

---

<sup>3</sup> De acordo com o site da OMS, o vírus em si foi nomeado "SARS-CoV-2", indicando sua relação com o coronavírus da SARS original. Portanto, a doença é Covid-19 e o vírus é SARS-CoV-2.

a uma “infodemia” e a hiperproliferação de informações, algumas completamente inverídicas sobre o tema (World Health Organization, 2020). Naquele momento, no Brasil, tínhamos um governo que negava a realidade da doença e promoveu a disseminação de desinformação<sup>4</sup>, politizando os cuidados com a saúde necessários no caso e deixando a população dividida e confusa. Essa iniciativa contou com a participação decisiva de empresas de comunicação autodefinidas como jornalísticas.

A transmissão da informação constitui a função de interesse público que o jornalismo assume não apenas na experiência democrática, mas na vida prática e cotidiana do cidadão e da sociedade como um todo. Graças ao exercício dessa função, com os conhecimentos adquiridos no contato com a realidade, os cidadãos tomam conhecimento dos acontecimentos e reúnem elementos para compreendê-los e interpretá-los, formando um modo de pensar sobre a realidade que os cerca, bem como sobre os agentes envolvidos nela, em todos os níveis: no político, nas relações sociais, vivências culturais e também no que diz respeito aos cuidados com a saúde, como se pôde observar no caso brasileiro da pandemia de Covid-19.

A informação, para cumprir a função, deve ter como referência a veracidade, estar fundada em fatos, ser o resultado de um processo cuidadoso de apuração. A informação apurada visa garantir a verdade factual e é condição para que o cidadão julgue, delibere e aja em uma sociedade democrática. Do contrário, há que se falar na corrupção dessa função, com a divulgação de informações e a formulação de opiniões sem bases factuais (Charaudeau, 2006; Lafer, 1997).

Se há veículos jornalísticos que se propõem a apresentar os fatos com base no princípio da objetividade e há os que se definem como opinativos e centram sua proposta na interpretação dos fatos, cabe considerar que, tanto em um caso como no outro, é necessário que haja apuração e verificação das informações. A clássica distinção entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo se mostra mais borrada ultimamente, mas considera-se que, como dito anteriormente, é preciso que haja apuração e checagem dos fatos e que mais de uma versão seja considerada (Christofoletti, 2019). Isso significa falar de compromisso com a realidade e de independência contida no conceito de imparcialidade, que se diferencia da neutralidade, recurso muito utilizado para mascarar intenções ocultas (Charaudeau, 2006) quando o caso é o de adesão a um grupo econômico ou partido político.

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml> Acesso em 15 jan. 2024

Embora a relação entre jornalismo e crise seja amplamente discutida em abordagens teóricas, os estudos empíricos pouco exploram essa conexão, o que limita a formulação de evidências legítimas. Essa ausência de investigações dificulta a adaptação das práticas jornalísticas às rápidas transformações contemporâneas, incluindo a perda de credibilidade da chamada “grande imprensa” (Tavares e De Souza, 2019). Nesse cenário, as explicações para a crise do jornalismo tornam-se complexas, envolvendo questões centrais como “credibilidade” e “confiança” no papel do jornalismo na sociedade. Assim, torna-se fundamental o desenvolvimento de estudos empíricos que abordem práticas profissionais, contribuindo para a compreensão das transformações do jornalismo (Christofolletti, 2019).

A pesquisa de que trata este artigo realça a importância da análise baseada na retórica para os estudos de comunicação, caso em que a forma prepondera sobre o conteúdo. Seu objeto é o tipo de jornalismo que chamamos “de fachada”, praticado pelo programa “Os Pingos nos Is”, que se define como noticioso e opinativo em sua página, é produzido pela Jovem Pan e exibido na plataforma YouTube<sup>5</sup>. São objetos da pesquisa as opiniões relativas ao tema “Covid-19”, emitidas pelos comentaristas que participaram do programa no período de 01 de novembro de 2020 a 31 de março de 2021<sup>6</sup>, observando como estavam alinhados ao governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) e validando, com o recurso retórico do uso da verossimilhança em lugar da veracidade da informação, as posições do governo em uma ideologização de um tema de saúde pública que pode ter causado a perda de vidas.

A pesquisa analisou como o programa "Os Pingos nos Is" sustentou seu discurso partidário por meio da retórica, identificando as estruturas e argumentos presentes nas falas dos participantes. Utilizando o método da Análise de Conteúdo, a pesquisa destacou as estratégias retóricas, gêneros e técnicas argumentativas empregadas (Reboul, 2004; Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005; Meyer, 2007; Barriga, 2009; Aristóteles, 2011). Foi possível perceber que o programa praticou o que aqui foi chamado de "Jornalismo de Fachada", conceito que remete ao recurso de apresentação de uma opinião como fato consumado, sem apresentar fatos ou evidências consistentes sobre o tema da saúde da população ou negando-os.

---

<sup>5</sup> No Youtube o programa contava, em novembro de 2023, com 5,4 milhões de inscritos e um acervo de mais de 13 mil vídeos com cerca de 3,2 bilhões de visualizações.

<sup>6</sup> Período que representou o ápice da evolução dos casos e das mortes pela Covid-19 no Brasil.

## 2. Democracia e Jornalismo, Verdade e Desinformação

Os laços entre jornalismo e democracia são estreitos, já que a convivência democrática e a participação cidadã dependem de informações que permitam a compreensão dos fatos e a formação de opiniões. Na perspectiva liberal, a democracia é um sistema que descentraliza o poder e a imprensa desempenha o papel de intermediária entre cidadãos e governo, monitorando as ações deste último. O jornalismo, nesse contexto, é essencial para a formação da esfera pública, conforme Habermas (2003) e Tocqueville (2005), embora essas teorias não tenham antecipado os impactos da digitalização e da plataformização da comunicação. A digitalização representa um ingrediente no que se entende por crise do jornalismo. De Souza (2019) denuncia como a busca pelo consumo sensacionalista e o abandono da objetividade jornalística promovem o irracionalismo, enquanto Miguel (2018) discute a desdemocratização e a manipulação da realidade, incluindo a atuação controversa de agências de checagem.

O modelo da imprensa *watchdog*, da qual se espera mecanismos de *accountability*, frequentemente cede ao peso dos poderes político e econômico, tornando-se mais um “cão de colo” do que um “cão de guarda”. No Brasil, Albuquerque (2009, 2022) sugere que o jornalismo assumiu um papel de Poder Moderador, reivindicando autoridade como árbitro dos conflitos entre os três poderes, ecoando práticas históricas do período imperial e, mais recentemente, sendo mobilizado em episódios como a Operação Lava Jato<sup>7</sup> e o impeachment de Dilma Rousseff. A dependência estrutural do jornalismo em relação a patrocinadores também compromete sua função pública. Lisboa e Benetti (2017) argumentam que essa dependência afeta a credibilidade jornalística, que deveria ser baseada na competência e na integridade. A fragmentação ideológica e a polarização intensificaram a ascensão de mídias de nicho, como estudado por Lycarião et al. (2018), que analisam como essas transformações comprometem a função social do jornalismo.

A lógica dos ambientes digitais favorece a disseminação de informações falsas, na medida em que emoções e crenças pessoais frequentemente se sobrepõem aos fatos. A pandemia de Covid-19 escancarou os riscos da desinformação<sup>8</sup>, com a proliferação de *fake news* dificultando decisões informadas. As redes sociais criaram bolhas que reforçam crenças

---

<sup>7</sup> A Operação Lava Jato foi uma iniciativa judicial anticorrupção que, embora inicialmente celebrada como um marco no combate à corrupção, acabou desestabilizando as instituições democráticas brasileiras (Albuquerque, 2021).

<sup>8</sup> A discussão sobre o cenário desinformativo, os conceitos e autores utilizados nesta pesquisa estão detalhados na dissertação que fundamenta este estudo (Ernsen Alves, 2024, p. 37). Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/89103>.

preexistentes, tornando a distinção entre verdade e falsidade irrelevante para muitos públicos (Moretzsohn, 2019). Esse fenômeno é explorado por Bennett e Livingston (2018), que descrevem como movimentos como a direita alternativa nos EUA e o bolsonarismo no Brasil utilizam desinformação para desestabilizar instituições democráticas.

O modelo de jornalismo "*catch-all*", que se propunha isento e comprometido com a totalidade da sociedade, perdeu centralidade diante da fragmentação ideológica e da polarização política dos mercados de informação. Esse declínio reflete uma adaptação às dinâmicas de um mercado cada vez mais competitivo, com mídias de nicho e conteúdos ideologicamente engajados, se tornam mais viáveis economicamente do que as generalistas (Lycarião et al., 2018).

### **3. Um Jornal pra Chamar de Seu**

Nesse cenário, o bolsonarismo, entendido como fenômeno político que catalisa movimentos de direita e extrema direita no Brasil, encontra um terreno fértil para se desenvolver, adotando uma estratégia de "política do choque" para mobilizar grupos à margem do debate político tradicional com táticas disruptivas. Apesar de ocupar posições de poder, o movimento se apresenta como antissistema, utilizando discursos agressivos e chocantes, além da disseminação de *fake news* em redes sociais e mídia (Rocha e Medeiros, 2022). Toma atores políticos não alinhados ao seu perfil ideológico de extrema direita como representantes de uma suposta "hegemonia cultural esquerdista", exclui grupos sociais do debate público, utiliza fóruns alternativos da internet, como o programa "Os Pingos nos Is", para difundir suas ideias. Essa postura ecoa iniciativas jornalísticas alternativas do início do século XXI, como o programa "Custe o Que Custar" (CQC), que combinava jornalismo e entretenimento e oferecia espaço para declarações controversas.

Desse modo, aliado a outros fatores, o bolsonarismo cresceu e mostrou que boa parte da sociedade se identificava com o seu discurso conservador agressivo, misógino, racista e homofóbico. Trata-se do público que o "Os Pingos nos Is" tratou de identificar e seduzir para converter em audiência e verba de publicidade a insatisfação com a política, em especial com o PT, gerando um bom negócio. De acordo com Ferraretto (2022), o processo de reposicionamento estratégico da Jovem Pan como uma emissora opinativa, alinhada ao conjunto de ideias defendidas por Jair Bolsonaro, coincide com o antipetismo que emerge antes do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, e ascende com o processo de impeachment.

A Jovem Pan cresceu na metade da década de 2010, na esteira do desgaste dos partidos hegemônicos no país naquela época, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Aproveitou-se, assim, da ascensão da ultra-direita e definiu sua programação como difusora de propaganda disfarçada de jornalismo, especialmente pensando em capturar esse público-alvo (Ferraretto, 2022). O *ethos* da Rádio Jovem Pan se estrutura em torno da construção de uma imagem que combina entretenimento, opinião e orientação comercial, refletindo os valores que fundamentam suas práticas jornalísticas e empresariais. Essa lógica se traduziu em uma transformação da identidade da empresa: de uma emissora tradicional voltada ao esporte e música, tornou-se, especialmente a partir de 2013, uma plataforma de notícias como entretenimento, em que as fronteiras entre jornalismo e propaganda são diluídas (Ferraretto, 2022). O investimento em novas tecnologias e na integração com formatos televisivos evidencia uma aposta no mercado como mediador de suas estratégias discursivas, o que, segundo a crítica habermasiana, exemplifica o uso das estruturas técnicas da comunicação em um modelo que, embora se apresente como um espaço de liberdade, reflete a lógica de um mercado desregulado.

#### 4. Funções da Retórica

A retórica, como metalinguagem, surgiu na Sicília grega, no século V a.C. com o intuito de convencer os júris populares acerca dos interesses e direitos de cidadãos cujas propriedades tinham sido expropriadas por tiranos que, quando depostos, deixaram uma confusão jurídica (Barthes, 2001; Reboul, 2004). Adotada pelos sofistas a retórica foi classificada por Platão como má, feita de aparência e falsidade (Barriga, 2009), um falso saber (Meyer, 2007), um discurso de bajulações, maquinações e imitações (Barthes, 2001). Já Aristóteles a definiu como a habilidade de persuadir, o modo pelo qual é possível induzir o interlocutor e a diferencia da lógica, a ciência da demonstração da verdade – caberia a ela determinar a correção dos juízos propostos pela retórica e pela dialética (Bermejo-Luque, 2021).

Aristóteles (2011) divide a retórica em três gêneros e nela identifica três pilares. Os gêneros são definidos como Judiciário, Epidíctico e Deliberativo e os pilares são *ethos*, *pathos* e *logos*. O gênero Judiciário diz respeito a determinar se uma ação é, ou não, justa, tendo como referência algo que já aconteceu, defendendo ou acusando um indivíduo ou um grupo de indivíduos por algo. O Epidíctico remete ao presente, buscando louvar ou reprovar atitudes. Já o Deliberativo tem como foco o debate acerca de algo que terá consequências no

futuro, conforme decisões que devem ser tomadas, utilizando exemplos para orientar essas decisões.

Já os pilares são definidos como *ethos*, *pathos* e *logos*. *Ethos* se refere à argumentação que se funda sobre a autoridade do argumentador, seu caráter moral e/ou ético que inspira confiança no interlocutor. *Pathos* denota a estratégia argumentativa pautada no apelo às emoções e funciona particularmente bem quando o argumentador e aquele para quem se dirige compartilham os mesmos valores. *Logos*, por sua vez, diz respeito a uma argumentação na qual a coerência da construção é a tônica, ainda que nela não haja relação com a veracidade do argumento (Kleina e Sampaio, 2020; Barthes, 2001; Meyer, 2007).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) revitalizam o prestígio da retórica no século XX ao reinterpretá-la como uma ferramenta para compreender discursos, não apenas produzi-los. Eles desenvolvem uma teoria geral do discurso persuasivo que recupera Aristóteles e rejeita a visão racionalista de Descartes e do positivismo, destacando a retórica como uma racionalidade específica voltada para os problemas humanos. Na pesquisa, os autores são acionados para analisar a retórica do programa Os Pingos nos Is, cujos opinadores moldam seus discursos para conseguir adesão do público. Nesse contexto, "verdades" são construções persuasivas que dependem do estudo do auditório, confirmando a premissa de que a verdade é consentida, e não absoluta, como defendem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Ao entimema, um silogismo que é construído somente em função de seu efeito de realidade, falta o rigor formal, já que se monta sobre premissas do senso comum, e o rigor teórico, pois se utiliza predominantemente de argumentos que podem ser apenas considerados prováveis. O entimema é fundamentado em verossimilhanças e é desenvolvido em função do nível do público e a partir do que o público pensa, do senso comum, manipulado facilmente por indivíduos incultos (Barthes, 2001).

#### **4.1 Jornalismo de Fachada**

Um jornalismo que despreza a verificação das informações volta-se à conquista do público não pela veracidade das informações fornecidas previstas no contrato comunicacional mas pela verossimilhança, o que significa dizer que as informações não precisam ter base real, mas simplesmente parecerem reais. Devem, assim, fazer sentido no sistema de pensamento da fatia de público afetada pelo veículo de comunicação. Trata-se de uma estratégia com a qual o programa Os Pingos nos Is estabelece uma relação com seu público.

O entimema, o silogismo retórico citado por Aristóteles, é um recurso que lança mão de uma “(...) lógica voluntariamente degradada, adaptada ao nível do público, isto é, do senso comum, da opinião corrente” (Barthes, 2001, p. 16).

A estratégia do programa Os Pingos nos Is parece ser a composição de um cenário de um programa jornalístico, com comentaristas que, em sua maioria, se autodenominam jornalistas e parecem falar com esse *ethos*. Se não apuram o fato, ou o fazem de forma superficial ou enviesada, utilizam os recursos retóricos que apresentam verossimilhanças em lugar de veracidade. Essa estratégia pode ser entendida com o termo “fachada” que Erving Goffman (2004, p. 29) propôs, ou seja “o equipamento expressivo de tipo padronizado, intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua representação”.

Goffman lança mão da metáfora teatral (ou dramaturgica) para se referir aos processos pelos quais os indivíduos assumem uma identidade social para controlar a impressão que os outros têm deles – a fachada, que ele define como um equipamento expressivo mobilizado pelo ator antes e ao longo da interação. A fachada compreende o cenário e os atores. É preciso que exista uma coerência entre as duas características da fachada para que a comunicação seja bem-sucedida, de forma que o indivíduo transmita consciente ou inconscientemente a impressão desejada no desempenho dos variados papéis sociais.

Por associação, o que aqui se define como jornalismo de fachada é a contrafação da notícia embrulhada em discursos ficcionais e que necessitam fundamentalmente de recursos retóricos para capturar a plateia. Isso, por meio da habilidade em tecer e sustentar uma teia argumentativa na qual se recorre insistentemente ao entimema, isto é, à construção ficcional que substitui a base factual com uma aparência convincente de veracidade. Essa pode ser uma possibilidade para a compreensão do processo de produção de desinformação, negação dos fatos e simulação de notícias.

## 5. Uma Crise Sanitária para pôr Os Pingos nos Is

Desde o seu surgimento, o Os Pingos nos Is, no horário das 18h, permitia a interação com os ouvintes, em mensagens em um aplicativo, o Viber. A audiência surpreendeu logo nos primeiros tempos. Seis meses após ir ao ar, alcançou 87 mil ouvintes por minuto na Grande São Paulo<sup>9</sup>. No ano seguinte, a audiência chegou a 100 mil ouvintes e não parou de

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-pede-cancelamento-de-outorgas-de-radiodifusao-da-jovem-pan-por-desinformacao-e-incentivo-a-aco-es-antidemocraticas> Acesso em 21 dez. 2023

crescer, chegando, em 2021, a alcançar, em algumas transmissões, quase 400 mil visualizações simultâneas no YouTube.

Em 2017, o jornalista Augusto Nunes foi incorporado ao programa, de onde só saiu no final de 2022, após a derrota eleitoral de Jair Bolsonaro. Em 2020, foi Guilherme Fiúza, que passou a compor o quadro de comentaristas. A equipe, completada pela ex-levantadora da seleção brasileira de voleibol, Ana Paula Henkel, passou a ser caracterizada pela divulgação de opiniões livres sobre a Covid-19, divulgando tratamentos inadequados e desestimulando a população a se vacinar contra a doença (Ferraretto, 2022).

Durante o período dezenas de programas foram retirados do YouTube por infringirem a política da plataforma, espalhando notícias falsas e desinformação em temas como a Covid-19 e uma suposta fraude eleitoral denunciada sem qualquer fundamento ou provas por Bolsonaro e repercutida pelos comentaristas do programa. Durante estes anos, o Brasil e seu Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentaram sua mais grave crise sanitária devido à pandemia de Covid-19. Até junho de 2023, mais de 702 mil mortes relacionadas ao novo coronavírus foram registradas no país.

A crise sanitária em questão foi exacerbada por instabilidades políticas e econômicas, abalando o pacto federativo brasileiro e gerando tensões entre o Poder Executivo Federal e os governadores na formulação de políticas para conter a Covid-19. O país tornou-se um dos epicentros globais da pandemia, chegando a ser a segunda nação do mundo com mais casos ativos da doença em 2021. Como exemplo de desinformação, vale lembrar que na metade de 2020, nos Estados Unidos, um grupo autodenominado “Médicos da Linha de Frente da América” defendeu o uso de hidroxicloroquina, um medicamento antimalária de baixo custo, no tratamento da Covid-19. A Fox News, assim como outros veículos da direita, repercutiu e apoiou a fala desse grupo, que, curiosamente, continha em suas fileiras figuras exóticas como uma médica que estava ligada a temas bizarros como genética alienígena e espermatozoides de demônios (Yang e Bennett, 2021). O programa reverberou a defesa da hidroxicloroquina como tratamento da Covid-19, já em maio de 2020 (Ferraretto, 2022), e transformou o debate do uso de hidroxicloroquina a um ridículo debate político polarizado – “Se você é a favor do Lula, você é contra a cloroquina. Se você é a favor do Bolsonaro, você recomenda a cloroquina” (Jovem Pan, 2020).

## **6. Procedimentos Metodológicos**

Para análise do material é utilizado a técnica da análise de conteúdo (AC), que tem como base procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos de modo a

criar inferências válidas para descrever, quantificar ou interpretar fenômenos em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio e Lycarião, 2021, p. 17). O programa Os Pingos nos Is está disponível em diversas plataformas, como no aplicativo da Panflix e redes sociais. Para esta pesquisa, a observação foi realizada no canal do Youtube<sup>10</sup>, no período de 01 de novembro de 2020 a 31 de março de 2021, quando os casos de óbitos aumentaram 2.064,25%, além de ser a época da inserção da vacina no mundo e no Brasil.

Com o total de 109 programas postados, 42 traziam termos referentes à pesquisa e fizeram parte do *corpus* analisado. A transcrição foi realizada por meio do site *captions grabber*, integralizando aproximadamente 13h25' com análise de conteúdo e mais outras 10 horas de escuta ativa. As unidades de análise foram definidas de acordo com o período descrito no título no qual houvesse relação com a pandemia<sup>11</sup>.

O software NVivo ofereceu suporte necessário para a análise das informações qualitativas, integrando as ferramentas de trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos. Neste passo, foi realizado um estudo exploratório de abordagem qualitativa, para sistematizar os dados e selecionar as unidades e subunidades de análise, por meio da criação e definição de categorias para a elaboração do Livro de Códigos (Sampaio e Lycarião, 2021).

Os termos para a coleta e pesquisa dos vídeos foram: saúde, vacina, vacinação, pandemia, cloroquina, médicos, Ministério da Saúde, OMS, covid, coronavac, coronavírus, Pfizer, Jansen, Dória, *lockdown* e termos relacionados. Já para o Livro de Códigos, que visa a identificação de argumentos e elementos dos vídeos, observou-se as bases teóricas para a criação das variáveis.

Para tanto, foi realizada a análise do entimema, por meio da verificação das opiniões do programa por meio de publicações oficiais das autoridades sanitárias, como os boletins infogripe da Fiocruz, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a OMS.

Na abordagem das estratégias retóricas, cabe lembrar que a retórica leva em conta a capacidade de persuadir e, nesse plano, o jornalista representa o pilar *ethos*, uma categoria que se funda sobre sua autoridade como argumentador, seu caráter moral e/ou ético que

---

<sup>10</sup> A pesquisa foi realizada para a dissertação pela autora (Ernsen Alves, 2024, p. 37). Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/89103>.

<sup>11</sup> Os dados gerais, incluindo a tabela com todos os programas analisados, os temas discutidos, a participação dos integrantes e o número total de intervenções, estão disponíveis em um documento acessível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1XCwg2DPt8JtflWtGs1q-MNDHJwEiIS\\_2Z63M88tybsk/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1XCwg2DPt8JtflWtGs1q-MNDHJwEiIS_2Z63M88tybsk/edit?usp=sharing).

inspira confiança. É necessário observar o trecho completo da fala dos comentaristas sobre Covid-19. Como Kleina e Sampaio (2021) cita Martin (2014) em seu estudo, a retórica vai além da linguagem, pois descreve “uma performance de várias camadas e que, com o objetivo da persuasão e validação de um ponto de vista, mobiliza também emoção, autoridade pessoal e questões gestuais”.

O foco está nas estratégias retóricas utilizadas, com seus gêneros, pilares, recursos estilísticos e técnicas argumentativas, estruturadas em três gêneros e pilares essenciais. Os gêneros — Judiciário, Epidíctico e Deliberativo — determinam o foco temporal e o objetivo do discurso: avaliar justiça no passado, louvar ou censurar no presente, ou orientar decisões futuras com base em exemplos. Os pilares *ethos*, *pathos* e *logos* fundamentam a persuasão, respectivamente, pela credibilidade moral do orador, pelo apelo às emoções compartilhadas com o público e pela coerência lógica, independentemente de sua veracidade (Aristóteles, 2011). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) identificam três categorias argumentativas que sustentam os discursos: quase-lógicos, baseados na estrutura do real e aqueles que fundamentam essa estrutura, destacando a riqueza de técnicas retóricas que transcendem a mera exposição de fatos. O propósito é identificar as estruturas presentes na fala dos participantes do programa para entrar em sintonia com um público que consome essas informações e propor uma reflexão acerca das consequências dessa estratégia em um ambiente democrático, entendendo que desinformação e convivência democrática são termos que não se combinam.

Entende-se que, quando não há base factual, o recurso utilizado é definido como “entimema” por Aristóteles, um silogismo articulado somente em função de um efeito retórico, com suas relações fundamentadas em verossimilhanças e não em relações de veracidade. Assim, as informações não precisam ter base real, mas simplesmente parecer reais. Esse recurso é desenvolvido em função do senso comum irrefletido, manipulado facilmente por indivíduos incultos, conforme entende Barthes (2001).

O objetivo é classificar a retórica quanto o encadeamento entre o público e a mensagem nas diversas transcrições, permitindo a identificação dos significados específicos em meio à polissemia, uma vez que “nada há nada de inerente em um texto; os significados dele são sempre trazidos por alguém” (Krippendorff, 2004, p. 22). A análise realizada inclui saber em que medida os discursos estavam baseados em fatos, se continham traços de verossimilhança ou se não eram verificáveis, de acordo com o conceito de jornalismo de fachada, com argumentos sustentados no entimema, percebendo como os argumentos se

apresentam com mais força do que aparentam, independentemente de serem discursos deliberativos, de louvor ou censura, acusando ou defendendo.

Além dos dados gerais, incluindo tempo, título do vídeo e data, também constam os comentaristas e suas descrições. No NVIVO as características são apresentadas no próprio código, ou como denominado no software, NÓ. Para esta pesquisa, também foi criado o Livro de Códigos<sup>12</sup> com 20 variáveis e a descrição dos códigos (Sampaio e Lycarião, 2021).

## **7. Parece Mas Não É: A Retórica da Desinformação**

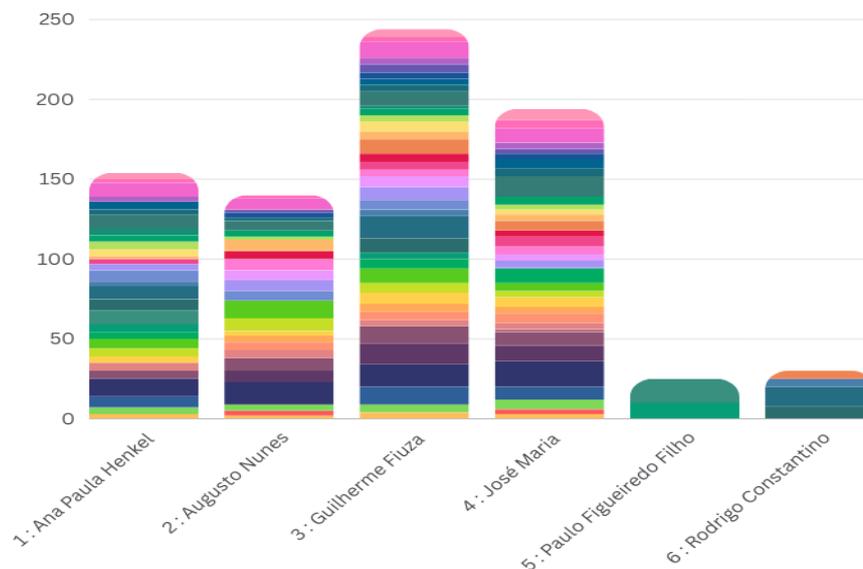
O programa Os Pingos nos Is não possui uma estrutura fixa ou padronizada. Sua divisão se dá de acordo com os temas e assuntos abordados. Os programas analisados estavam divididos em blocos que exploravam as opiniões sobre temas escolhidos. No início dos programas são apresentadas previsões meteorológicas, emulando um programa jornalístico, assim como acontece com o cenário e a identidade visual.

No período analisado, os temas foram apresentados e mediados por Vitor Brown e Marcelo Mattos. Alguns programas foram divididos com a apresentação geral, depois da vinheta, apresentação do tema e opiniões. Os quatro comentaristas são: Augusto Nunes, Guilherme Fiuza e José Maria Trindade, com formação de jornalistas, e Ana Paula Henkel. Rodrigo Constantino participou de quatro programas analisados e o jornalista Paulo Figueiredo Junior de dois, ambos substituindo integrantes da bancada que estavam de férias. O gráfico abaixo representa a totalidade de participação, as cores representam os dias e quantidade de participação.

---

<sup>12</sup> Livro de Códigos:

[https://docs.google.com/document/d/1g\\_f05OSN62g8L8E6GbBjmDLofVVMhzmmGeoHkSIK-Io/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/document/d/1g_f05OSN62g8L8E6GbBjmDLofVVMhzmmGeoHkSIK-Io/edit?usp=sharing)



**Gráfico 1.** Participação dos Comentaristas Total. Fonte: As autoras.



**Figura 1.** Bancada Programa Os Pingos Nos Is. Fonte: Canal Os Pingo Nos Is - Youtube.

Uma das peculiaridades é o cumprimento entre os integrantes. Expressões como “mestre”, “grande irmão” e “parceiro” são usadas diariamente. É uma linguagem informal que aproxima o público dos comentaristas. Augusto Nunes e José Maria se cumprimentam como compadres, gerando um clima familiar.

Guilherme Fiúza direto do Rio de Janeiro! fala Fiúza  
Boa noite! Fala Vitor Brawn, José Maria Trindade, Ana Paula Henckel, Augusto Nunes: o mestre!

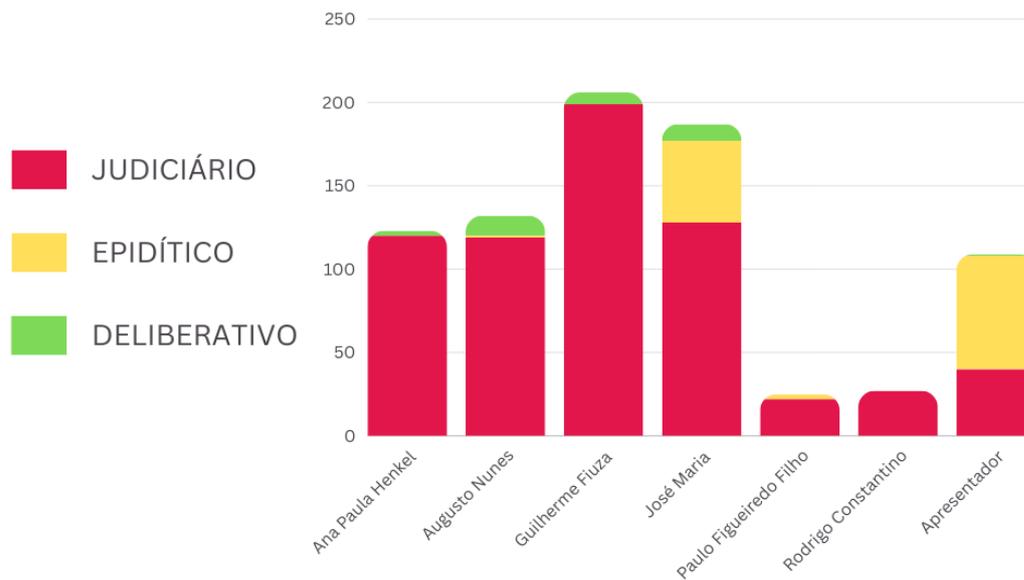
*Apresentador - 12/11/2020 - 6'55”*

Os comentaristas repetem alguns argumentos. Cada um tem o *modus operandi* de apresentar suas opiniões, demonstrando divergências. Caracteriza-se cada orador pela imagem que ele próprio forma acerca do auditório universal que busca conquistar para suas opiniões, de acordo com valores estabelecidos e, assim, criar uma aliança. Como sugere a pesquisa, trata-se de estabelecer o Jornalismo de Fachada, criando um vínculo com o público.

José Maria utiliza o discurso *epidítico* como estratégia de persuasão para consolidar a adesão de seu auditório, fundamentando-se em valores universais que aparentam ser incontestáveis. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o discurso busca estabelecer um vínculo emocional e racional com o público, no qual o orador assume o papel de educador. Essa relação é fortalecida pela construção do que conceituamos de “Jornalismo de Fachada”, com uma projeção estruturada para promover credibilidade. José Maria, ao recorrer à verossimilhança e à introdução de afirmações como a imunidade de rebanho ou a baixa letalidade da doença, integra esses elementos ao contexto argumentativo do programa, que se desdobra de forma contínua ao longo de dias. Essa abordagem ressalta a natureza dinâmica do discurso persuasivo, cuja eficácia depende não apenas do conteúdo explícito, mas também de como valores, contextos e lacunas argumentativas articulados para conquistar o consentimento do auditório. É o comentarista que mais apresenta o discurso epidítico, 26,20% com prova retórica *logos*.

O IBGE, que é um instituto sério, que faz o Censo inclusive, fez uma PNAD, que é uma pesquisa especial por amostragem, sobre a infecção no Brasil. E a conclusão é que muitas cidades já ultrapassam vinte por cento do número de pessoas que tiveram contato com o vírus. Ou que desenvolveram ali sintomas ou que não desenvolveram sintomas, mas que o resultado do teste foi positivo. E isso já representa a tal imunidade de rebanho. É um sintoma forte de que o Brasil não terá esta segunda onda.

*José Maria - Programa Os Pingo nos Is - 12/11/2020 - 15'49"*

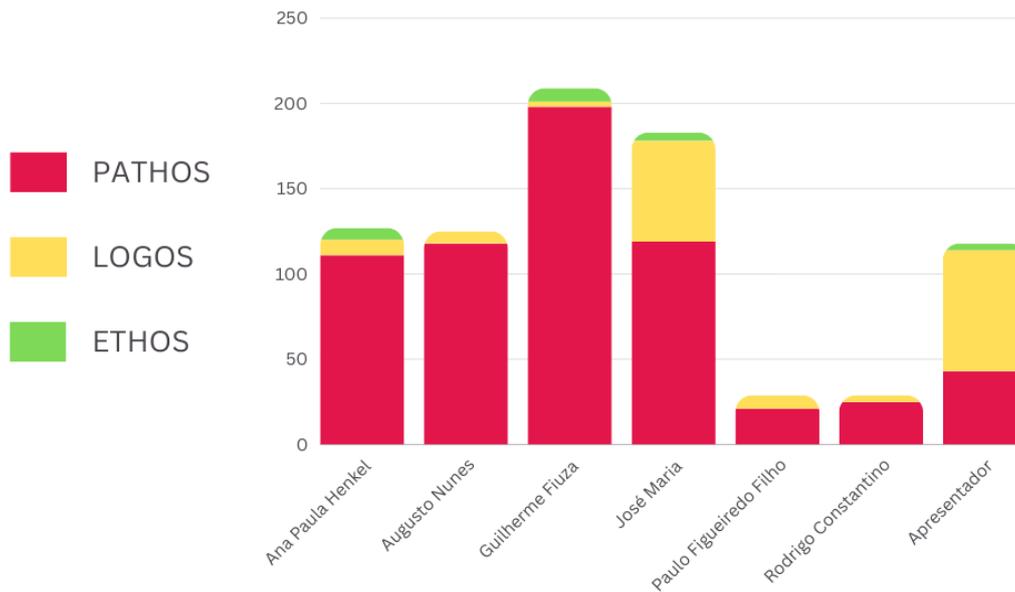


**Gráfico 2.** Gênero Retórico por Comentarista. Fonte: As autoras.

Guilherme Fiuza é o que mais apresenta afirmações sem base em fatos. Como demonstrado no Gráfico 02, o seu discurso é predominantemente judiciário e com prova retórica *pathos*. Suas falas são repetitivas, nega a eficácia do *lockdown* e das vacinas que estão sendo produzidas, afirma que os dados das autoridades de saúde da Europa são inválidos, sem informar a fonte. Deslegitima tanto cientistas quanto instituições. Utiliza recursos argumentativos de negacionismo e discurso do ódio que servem para a deslegitimação, como por exemplo a existência de lobbies a favor das empresas de vacinas. Além da falta de letalidade e que não haveria comprovação a favor do *lockdown*.

Eles querem inclusive, como aconteceu na Europa, não havia por exemplo, constatação do crescimento do número de óbitos expressivo, mas a gente sabe que até aí as estatísticas estão inteiramente sob suspeita e aqui no Brasil infelizmente vão tentar de novo isso. Eu quero crer, ou melhor, não quero crer que seja lobby de vacina, né?

*Guilherme Fiuza - - Programa Os Pingo nos Is - 12/11/2020 - 9'20"*

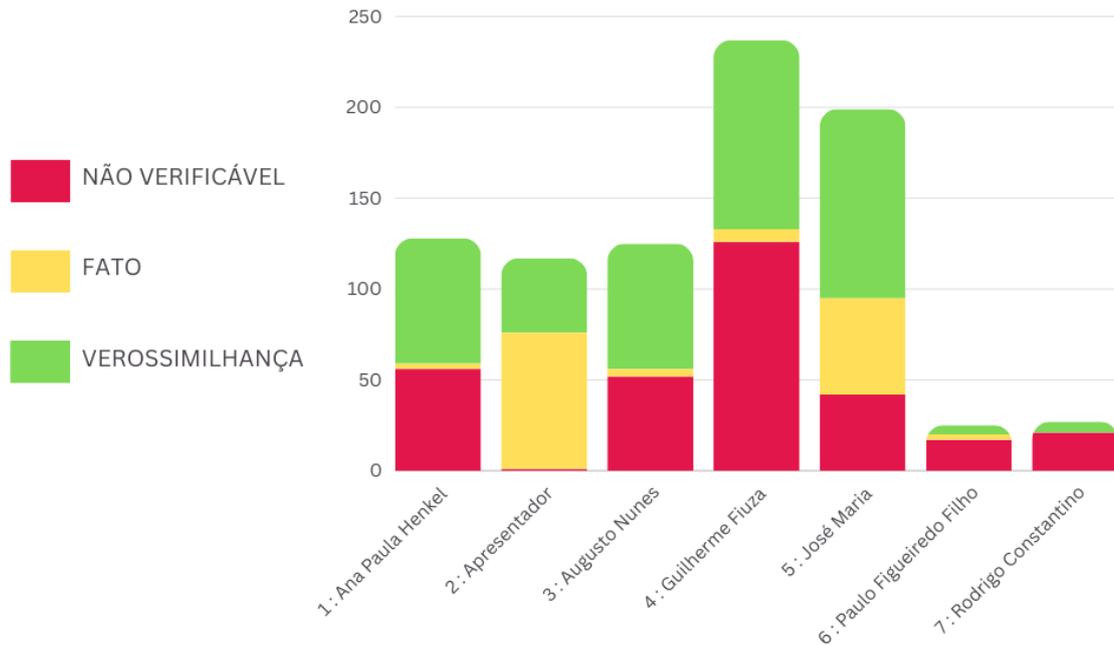


**Gráfico 3.** Pilares por Comentarista. Fonte: As autoras.

Augusto Nunes tem uma retórica da invalidação, na qual predomina o gênero judiciário. Um exemplo do pilar *logos*, como consta no gráfico 3, é quando a vacina já estava sendo aplicada e Israel já havia aplicado, mostrando que isso pode vir a melhorar a economia.

Eles detestam a volta à normalidade, estamos voltando, estamos voltando. Eu gostaria de estar dirigindo um jornal hoje para fazer aquele velho, para repetir a manchete que o que eu sempre sonhei, da mesma forma que eu dei da guerra do Iraque a Paz, o tamanho da guerra, eu ...a pandemia acabou. Agora é a normalidade, a gente vai conviver com o vírus até que venha a vacina, uma vacina eficaz.

Augusto Nunes - - Programa Os Pingo nos Is -12/11/2020 - 12'28"



**Gráfico 4.** Verificação por Comentaristas. Fonte: As autoras.

O gráfico 04 apresenta a quantidade de verossimilhanças, sendo declarações que parecem plausíveis, mas que não são respaldadas de acordo com as autoridades sanitárias que foram usadas nesta pesquisa para verificação. Um exemplo é a fala de Ana Paula Henkel, que apresenta o discurso judiciário, permeia com o deliberativo e com o epidítico ao descrever, por exemplo, os dados das vacinas. A comentarista incide em *pathos* ao se referir ao governador de São Paulo. Essas informações, apesar de aparentar veracidade, com provas retóricas de *logos* e *ethos*, são uma demonstração de como inserir desinformação na retórica:

E a pergunta que a gente tem que fazer para o governador Dória e todas essas pessoas que querem obrigar uma vacina que ainda não existe é a seguinte: se existe uma comprovação científica, se a vacina passou por todos os processos...Uma canetada do governador...de acordo com a Dra. Nise Yamaguchi e Dr. Anthony Wong, nós entrevistamos aqui, uma pessoa que passa de uma maneira assintomática pela doença, contraiu o vírus, passou de uma maneira assintomática pela a pela infecção.

*Ana Paula Henkel - Programa Os Pingo nos Is - 27/11/2020 - 17'01"*

Os analistas examinam a eficácia do *lockdown* e da vacina com base nas declarações de Bolsonaro, destacando sua visão de que o perigo do vírus é insignificante em comparação com a economia. Comparando o Brasil com os Estados Unidos, eles ressaltam a residência de três analistas no país norte-americano. Paulo Figueiredo Filho critica o *lockdown*, alinhando-se ao discurso judiciário, mas incorpora elementos de descrição e comparação, adotando a prova retórica *logos*. Ele também faz analogias entre o comportamento dos governantes e o

de suas filhas, sugerindo que o governo federal deveria seguir o exemplo de São Paulo. No segmento "CORONAVAC QUESTIONADA", discute-se a eficácia da Coronavac, levantando preocupações sobre dados ausentes e medidas de *lockdown*. Paulo Figueiredo questiona a vacinação de pessoas não vulneráveis e seu potencial de risco, usando a analogia com a vacina da pólio para expressar dúvidas sobre a segurança da vacina oral.

Como é que você vai saber os resultados de longo prazo de uma vacina que começou a ser testada poucos meses atrás, né? Eu dei o exemplo ontem aqui no ar, durante a live do presidente Bolsonaro, da vacina de Pólio. Com as pessoas pesquisando a história, depois descobriram que a vacina da Gotinha não fazia bem, e a vacina da Gotinha parou.

*Paulo Figueiredo - Programa Os Pingo nos Is - 08/01/2021 - 30'01''*

Ao se recorrer a Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) para analisar as técnicas argumentativas, utilizou-se argumentos baseados na estrutura do real, estabelecendo uma ligação entre as opiniões sobre a pandemia e aquelas que se procurava convencer o público a aceitar. Além disso, as dúvidas sobre a eficácia das vacinas, a oposição ao *lockdown* e a minimização da letalidade da doença podem ser consideradas como exemplos de argumentos baseados na estrutura do real, pois buscam persuadir o interlocutor a partir das crenças e opiniões já estabelecidas sobre a pandemia. A própria fala do Bolsonaro reforça a crença da eficácia do *lockdown* e da baixa letalidade.

A partir da apresentação dos dados acima, sustentamos que o Jornalismo de Fachada do programa Os Pingos nos Is se constroi sobre a predominância do gênero judiciário e do pilar *pathos*, no qual se destaca o recurso retórico do entimema - responsável pela verossimilhança.

### **7.1 Polarização, pandemia e o caos**

Além das vacinas, também se questionava o *lockdown* e as restrições de isolamento social, em um contexto festivo, que compreendia as festas de final de ano e o Carnaval. As medidas restritivas adotadas por governadores e prefeitos representaram a estratégia encontrada para combater a pandemia enquanto se aguardava a disponibilidade das vacinas. Os esforços dos profissionais que atuaram na administração pública e na educação não são reconhecidos pelos comentaristas, que, sempre que possível, enfatizam que professores e "funcionários de terno e gravata" estavam relutantes em desempenhar suas atividades.

Neste contexto, a figura do presidente da República e até mesmo do Ministério da Saúde da época, contrariava as instituições científicas contribuindo com a desinformação e, conseqüentemente, com o aumento de casos e mortes de Covid-19. Recuero et al. (2021)

abordam que os disseminadores de informações falsas ganham expressividade na medida que oferecem o “enquadramento dos assuntos como políticos, no uso de autoridades para legitimar conteúdos problemáticos e nos processos de espalhamento da desinformação”



**Figura 2.** Nuvens de Palavras - linha do tempo - novembro 2020 a março 2021. Fonte: As autoras por meio do software NVivo.

De acordo com a Figura 2, as nuvens de palavras que apresentam a palavra “vacina” eram na verdade argumentos contra a sua eficácia, e colocavam em dúvida o laboratório responsável, no caso o Butantã e a China. O aumento de casos e óbitos, refletiu na mudança dos argumentos. *Lockdown*, que é destaque em fevereiro, também é por conta do embate que se faz quanto às medidas de proteção acionadas pelos governantes. É chocante a forma como destacam Manaus e a total ausência sobre o aumento de mortes, falta de oxigênio e medicamentos, sendo citada no programa somente para combater o isolamento social e para defender o então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello. A chegada da vacina e sua eficácia, a necessidade de isolamento e o desdém de Bolsonaro com os doentes e a ciência desgastaram o discurso de ódio contra a ciência, aumentando a menção da necessidade da presença das ações do governo, destaque na nuvem de março.

## 8. Considerações finais

É perceptível que durante os últimos anos houve um aumento significativo no material referente à desinformação, suas causas e consequências. Assim, pesquisas que tomem como objeto esse fato são fundamentais para compreender melhor esse fenômeno, que tem repercussões graves para a democracia, para a convivência social e mesmo, como no caso desta pesquisa, para a saúde dos cidadãos. Como a observação e a transcrição dos programas indica, o nosso objeto de estudo, o jornalismo de fachada do programa *Os Pingos nos Is* adotou procedimentos inadequados para a prática jornalística, que assumiram gravidade considerável para a democracia, na medida em que difundiu desinformação, mas, principalmente, para o bem-estar e a saúde da população.

No caso do objeto desta pesquisa, a estratégia de observar, classificar e estudar os gêneros e pilares retóricos, por meio dos recursos da retórica, a utilização do entimema, da verossimilhança, cobrindo o espaço deixado pela ausência de veracidade, foi muito útil para a aproximação do entendimento sobre como os discursos dos comentaristas foram construídos para envolver emocionalmente, sem provocar a reflexão, praticamente sem recurso ao contraditório, salvo nas participações do jornalista José Maria. O comentarista discorda citando informações oficiais, com fundamentos no gênero epidíctico, de demonstração, e no pilar *logos*. Para tanto utilizava um tom de voz menos exaltado do que o de outros comentaristas.

Os Pingos nos Is buscou, ao menos no período estudado, não o “interesse público”, mas o “interesse do público” e aqui cabe pontuar que o então presidente do Grupo Jovem Pan teve origem no ramo do entretenimento, espírito que, tudo indica, levou para o jornalismo da emissora, principalmente para o programa aqui analisado. Notícia, no caso, é entendida apenas como mais uma mercadoria e o importante é que o público, ou determinado público, a consoma. O jornalismo de fachada, afinal, é idealizado para entreter e agradar ao seu público-alvo e esse é, pelo observado, o serviço que se propõe prestar.

A contradição ou discordância também foram observadas nos programas estudados, as divergências foram pontuais e táticas do jornalista José Maria. Além disso, o tratamento mútuo dos comentaristas usuais do programa reforça o clima de afeto e intimidade entre eles, num clima de irmandade interna em que o que está fora desse circuito afetivo o ameaça e, torna-se objeto de críticas e ataques. Formam-se, assim, as “bolhas de filtro” (Moretzsohn, 2019), sustentadas por algoritmos e nas quais os que dela participam têm razão, contanto que reforcem as crenças predominantes no grupo, mesmo que essas crenças sejam irreais e/ou não fundadas em elementos racionais da realidade. O importante, no caso, não é informar, mas seduzir e agradar o público e, nesse ponto, a desinformação acaba por ser uma consequência inevitável, pois usualmente a realidade não é exatamente o que se pensa e certos ajustes nela muitas vezes são necessários para agradar a quem se quer agradar.

Na esteira da propaganda de medicamentos que não tinham e não têm eficácia comprovada, promovidas pelo então presidente da República, os opinadores do programa não fizeram mais do que ratificar a inapropriada manifestação do homem público que ocupava o mais alto posto do Poder Executivo. Da mesma forma, quando o tema “vacina” foi tratado, promoveram e reforçaram preconceitos relativos à vacinação, combatendo ainda toda e qualquer determinação das autoridades sanitárias de modo a frear o contágio e não

sobrecarregar a rede de saúde pública e privada, advogando uma imprudente e potencialmente genocida “imunidade de rebanho”.

O jornalismo opinativo do Pingo nos Is tomou indevidamente o *ethos*, o caráter moral e/ou ético que inspira confiança do interlocutor, relativo ao profissional de comunicação que tem compromisso com a função pública de seu trabalho, e se prestou a divulgar informações incertas ou inverídicas, sem o apoio da busca da veracidade presente nos fatos, contanto que sejam apurados.

Espera-se que a pesquisa contribua para a compreensão sobre a complexidade que envolve os processos de desinformação na sociedade contemporânea. Buscou-se aqui evidenciar como as estratégias retóricas do programa Pingo nos Is foram construídas a partir do recurso ao entimema, o que caracterizou o jornalismo de fachada praticado pela emissora. Nesse sentido a análise retórica permitiu materializar uma crítica que, sem ela, poderia ficar num nível apenas impressionista. A fachada é importante nas interações sociais para criar um vínculo; no caso estudado ela serviu para que esse vínculo se desse na base da desinformação. O conceito de Jornalismo de Fachada pode ser interessante para compreender também as implicações éticas, políticas e sociais de práticas que se arvoram jornalísticas e contudo privilegiam a verossimilhança em detrimento da veracidade. Essa dinâmica, observada em programas como Os Pingos nos Is, evidencia a necessidade de um estudo abrangente que não se limite às novas mídias, mas que também investigue como meios de comunicação tradicionais contribuem para a consolidação desse modelo<sup>1314</sup>.

## 9. Referências Bibliográficas

- Arendt, H. (1995). *Verdade e Política*. Relógio d'água.
- Aristóteles. (2011). *Retórica*. EDIPRO.
- Barriga, A. (2009). Opinião, argumentação e persuasão no quadro de uma racionalidade sociológica – O «poder do discurso». *Comunicação e Sociedade*, 16, 27–42.  
[https://doi.org/10.17231/comsoc.16\(2009\).1028](https://doi.org/10.17231/comsoc.16(2009).1028)
- Barthes, R. (2001). *A Aventura Semiológica*. Martins Fontes.
- Bennett, W. L., & Livingston, S. (2018). The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. *European Journal of Communication*, 33(2), 122–139.  
<https://doi.org/10.1177/0267323118760317>

---

<sup>13</sup> Esta pesquisa foi financiada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, por meio de bolsa de estudos concedida ao autor principal.

<sup>14</sup> Uma versão preliminar deste trabalho está disponível como *preprint* na plataforma **SciELO Preprints** e pode ser acessada em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9327>. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9327>

- Bermejo-Luque, L. (2021). A distinção aristotélica entre Lógica, Dialética e Retórica e seu lugar na Teoria da Argumentação. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. Contexto.
- Christofoletti, R. (2019). *A crise do jornalismo tem solução?* Estação das Letras e Cores.
- De Souza, R. B. R. (2019). “Fake news”, pós-verdade e sociedade do capital: o irracionalismo como motor da desinformação jornalística. *Revista FAMECOS*, 26(3), e33105.  
<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33105>
- Ferraretto, L. A. (2022). Ponderações sobre o exercício de outorgas de rádio em um cenário de crise institucional, ameaças à democracia, instabilidade econômica e pandemia de covid-19. *Esferas*, 12(1), 2-39.
- Goffman, E. (2004). *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes.
- Habermas, J. (2022). *Facticidade e validade: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia*. Editora Unesp.
- Habermas, J. (2003). *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Tempo Brasileiro.
- Jovem Pan. (2020, 21 de maio). Os Pingos nos Is [Programa de rádio]. *Jovem Pan*.  
<https://jovempan.com.br/videos/programas/os-pingos-nos-is/os-pingos-nos-is-21-05-2020.html>
- Kleina, N. C. M., & Sampaio, R. C. (2021). "Não sou eu quem está falando": A retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. *Revista Eco-Pós*, 24(2), 175–200.
- Kleina, N. C. M., & Sampaio, R. C. (2020). De quem é a culpa? Argumentos e retóricas iniciais de YouTubers bolsonaristas sobre o coronavírus. *Dispositiva*, 9(16), 27–49.
- Krippendorff, K. (2004). Reliability in content analysis: Some common misconceptions and recommendations. *Human Communication Research*, 30(3), 411–433.  
<https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2004.tb00738.x>
- Lafer, C. (1997). A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, 11, 55–65.
- Lisboa, S. S. D. M., & Benetti, M. (2017). Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(1), 51–62.
- Lycarião, D., Magalhães, E., & Albuquerque, A. (2018). Noticiário “objetivo” em liquidação: a decadência do padrão “catch-all” na mídia comercial. *Famecos*, 25(2), 1–19.
- Lynch, C. C. L. (2005). O Discurso Político Monarquiano e a Recepção do Conceito de Poder Moderador no Brasil (1822-1824). *Revista de Ciências Sociais*, 48(3), 611–654.
- Medina, C. (2006). O lugar do jornalista: no centro das tensões. In R. Seabra & V. Sousa (Orgs.), *Jornalismo político: teoria, história e técnicas*. Record.
- Meyer, M. (2007). *A Retórica*. Ática.

- Miguel, L. F. (2018). O pensamento e a imaginação no banco dos réus: ameaças à liberdade de expressão em contexto de golpe e guerras culturais. *Políticas Culturais em Revista*, 11(1), 37–59.
- Moretzsohn, S. (2019). O joio, o trigo, os filtros e as bolhas: uma discussão sobre fake news, jornalismo, credibilidade e afetos no tempo das redes. *Brazilian Journalism Research*, 15(3), 574–597.
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Martins Fontes
- Reboul, O. (2004). *Introdução à retórica*. Martins Fontes.
- Recuero, R. D. C., & Soares, F. B. (2021). O Discurso Desinformativo sobre a Cura da covid-19 no Twitter: Estudo de caso. *E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 24, 1–29.
- Rocha, C., & Medeiros, J. (2022). 2022: o pacto de 1988 sob a Espada de Dâmocles. *Estudos Avançados*, 36, 65–84
- Sampaio, R. C., & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6542>
- Schultz, J. (2021). Disrupting Media and Politics: When the Old Rules Break, How Can the Public Interest be Served? In J. M. Lewis & A. Tiernan (Eds.), *The Oxford Handbook of Australian Politics*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198805465.013.21>
- Tavares, C. Q. (2018). *A crise do modelo tradicional do jornalismo: reconfigurações da prática profissional na redação da Gazeta do Povo*.
- Tavares, C. Q., & De Sousa, L. H. (2019). A crise e o jornalismo: uma análise dos artigos sobre o tema publicados nos periódicos brasileiros. In *17º Encontro da SBPJor*.
- Tocqueville, A. D. (2005). *A democracia na América: leis e costumes*.
- World Health Organization. (2020, September 23). *Managing the COVID-19 infodemic: Promoting healthy behaviours and mitigating the harm from misinformation and disinformation* [Joint statement]. <https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>
- Yang, Y., & Bennett, L. (2021). Interactive propaganda: how Fox news and Donald Trump co-produced false narratives about the COVID-19 crisis. In *Political communication in the time of coronavirus* (pp. 83–100). Routledge.